

ECHUS DO IBATÉ

Informativo dos ex-alunos do Seminário do Ibaté

S. Roque - SP - Ano 14 - n.º 84 - Março/Abril - 2006



A Páscoa seja para você festa de esperança

(Paulo VI)

Bartolomeu Colacique* (64/69)

A primeira idéia de Páscoa remete-me ao passado, à Semana Santa de minha paróquia. Participava das celebrações de Domingo de Ramos, Celebração da Ceia do Senhor, a Liturgia da Morte de Cristo e finalmente a Ressurreição de Cristo. Posteriormente, no seminário de São Roque, vivi com mais intensidade todas as cerimônias litúrgicas. O significado de tudo isso, com o tempo fui aprendendo e tentando seguir. Penso que era muito jovem para compreender tudo isso.



Hoje, vejo que, com significado adaptado ao tempo presente, a proposta tornou-se mais positiva. Em diversos locais temos a *Semana Santa Jovem*, onde os jovens são convidados para vivenciar a caminhada de Cristo e mudarem o que precisa ser alterado em suas vidas. A semente está sendo lançada sempre. A Via Sacra é transportada para os nossos dias, quando estamos inseridos em uma sociedade egoísta e voltada só para si e seus lucros. A Semana Santa, na visão atual, refere-se a ovos de chocolate, bacalhau do Mercado Municipal e feriadão prolongado. Cabe a cada um uma reflexão. Muita coisa ainda precisa ser modificada. Estamos vendo o outro sendo destruído e oprimido e pouco se pode fazer.

Se, naquele tempo, possuíamos pouca experiência e não tínhamos a nosso dispor todos os meios de comunicação pre-

sentes, o que dirá o jovem de hoje, para perceber o que ocorre, conduzir-se e para **discernir** o que é bom para ele? A proposta de mudança de vida se apresenta diariamente em nosso trabalho e em nossas casas. O experimentar que não tínhamos quando jovens está presente agora. Como devo aplicar o que aprendi em minha formação neste momento da vida? O que é bom para mim? O que me incomoda? Como aconselhar os filhos, os netos, próximos de obedecerem a hierarquia dos patrões, dos chefes e a dos nossos mandatários?

O significado de mudança para mim é pessoal, eu quero mudar, eu preciso mudar e eu tenho a esperança de que este meu empreendimento de vida terá sucesso. Estaremos mais unidos ainda se conseguirmos dentro de nosso meio ser a **semente de esperança** para os outros. Se, para o cristão, a palavra Páscoa tem um significado profundo: representa a mais sublime festa do ano litúrgico, em que se celebra a ressurreição de Cristo, a passagem "da morte para a vida", "o trajeto das trevas para luz", então por que não podemos plantar uma nova saída? Fica aí mais um desafio de vida e uma nova campanha: Salva-se quem salva os outros, tirando-os da solidão, criando relacionamentos de fraternidade, não só em nossas casas, escolas, paróquias, mas com todos que nos procuram.

* Professor de Gramática e Literatura em S. Paulo-SP - bartolomeu.colacique@saoluis.org

Morro do Saboó - Participe da excursão em 27 de Maio



É importante esclarecer aos leitores ex-alunos do Seminário de Pirapora - e não são poucos - que o Morro do Saboó, para a Turma do Ibaté, equivale a seu admirado Morro Vuturuna, das terras de Araçariguama. Atraentes pontos turísticos, inspiraram e ainda inspiram muitas poesias e cânticos, páginas inteiras de diários e declarações de amor, pois, devido a seu real significado cósmico de sabedoria e conexão com o sagrado, fertilizaram ambos a imaginação de tantos seminaristas, que, maravilhados e em verdadeiro êxtase, de suas janelas e pátios os avistavam.

Nossa excursão ao encantado Saboó será no sábado de **27 de maio próximo**. Todos estão convidados. Um dia delicioso, muita alegria, cansaço saudável, descanso para os olhos e para o coração. Haverá concentração às **9 horas**, no **Posto São Paulo** (Bandeira AGIP) que fica à direita, para quem vem pela Castelo Branco, entra na alça 54-B e segue pela estrada que leva a S. Roque, ou à esquerda, para quem vem pela Raposo Tavares, atravessa S. Roque e esteja no início da estrada que vai para a Castelo Branco.

Trajes apropriados para andar no meio do mato, bonés, toalhas, protetores solares, bengalas (ajudam bastante na subida), máquina fotográfica, binóculos, filmadoras, canivetes, cornetas, matracas ...

Podem-se levar lanches e bebidas. Estamos programados para um almoço ali pertinho, no Pesqueiro D. Bosco, com deliciosa comida caseira, com área de descanso e higiene pessoal.

É importante que telefonem para (11) **4712.6698** ou (11) **9685.5692** e confirmem a presença (quantidade) com o colega **Manga** ou para (11) **3864.8852**, à noite, com o colega **Wilson Mosca**. Se for mais prático, um email para echus@zipmail.com.br.

Vamos sítar o Morro do Saboó e exercitar nossa capacidade de avistar novos horizontes na vida, todos juntos sempre cultivando nossa amizade, ibateanos e piraporanos.

Nosso amigo Lourenço, o Perereca, até compôs uma canção especial: "Nossa turma é boa / Agora vamos subir o Saboó / Quem tem as pernas fortes / Tenha coragem de juntar-se a nós / Nossa turma é forte / Vamos com ela comemorar / Nossa grande chegada / E lá em cima vamos cantar / Nossa turma, nossa turma, nossa turma é demais! / Chega sempre muito alegre / Todos juntos começam a cantar".

Não percam essa oportunidade! Estejamos todos lá!

Encontro em Itatiba

Acácio Fecchio (63/69)



Mais uma vez nos reunimos na chácara do querido casal, Rovirso e Oksana, para algumas horas felizes. O dia estava muito bonito e ao chegarmos fomos muito bem recebidos pelos anfitriões. Dois colegas já haviam chegado - Gilberto Gomes (Tigueis) e José Francimar Ramos - e já transpiravam no espiribol.

Um lanche rápido e outros amigos se aproximavam: Wilson Mosca, Luiz Roberto Soares (Araçá), Domingos S. Amstalden, Tomaz Toledo, José Édson da Silva e tantos outros, todos eles atletas diplomados, ansiosos pelo futebol.

O campo estava caprichosamente demarcado à espera de todos nós, os craques de bola. Alguém sugeriu que montássemos um time apenas de ex-seminaristas. Prá quê? Arrasamos em arte! De um lado, nós, com coletes; do outro, filhos, netos, parentes e demais visitantes. Nossa defesa, uma verdadeira muralha, formada pelos competentes zagueiros Bernardo Mendes Pires (Pirão), Sávio, Araçá e Tigueis. No meio campo, João Bosco, José Édson, Ademar Valdevino (Patão) e Donizete (Feijão). No ataque, Rovirso, Toledo e Zezo.

A torcida na geral, atrás do gol e à sombra, vibrava a cada lance. Já a da arquibancada, embora em número bem menor, estava mais agitada e barulhenta, pois era orquestrada por Isidoro da Silva Leite. Entre os torcedores, destacamos a ilustre presença do amigo ibateano D. José Maria Pinheiro, excelentíssimo Bispo da Diocese de Bragança Paulista e assíduo companheiro de nossas reuniões.

Francimar foi aclamado o juiz. Excelente trabalho! Mantive a calma e muita paciência diante de inúmeros apelos e reclamações. Ao final, venceram o ex-seminaristas por 4X3,

com três gols de Toledo e um deste que vos fala.

Após o jogo, muito bate-papo ao redor de um magnífico churrasco e da comemoração do natalício de várias pessoas: Oksana, a dona da casa, que nos ofereceu a melhor das receitas de bolo, o Araçá e o Patão.

Quem não pôde comparecer perdeu a oportunidade de um dia agradabilíssimo.

Esperamos retornar mais vezes a Itatiba, na certeza de passarmos horas tão felizes.

Abraços a todos.

(*) Acácio Fecchio é Contador em S.Paulo-SP - modelo@prestonet.com.br



Craques em Itatiba

Em pé: José Francimar Ramos, José Ricardo Falcão, Tomaz de Aquino Toledo, Rovirso Aparecido Boldo, Bernardo Mendes Pires, Domingos Sávio Amstalden e Acácio Fecchio.

Agachados: Donizete Aparecido Martins, Gilberto Gomes, Ademar Valdevino da Silva, Luiz Roberto Soares, João Bosco e José Édson Pereira da Silva. Foto de 25.03.06.

Photo Antiqua

1967 - Tempo de Pêras



Na frente (2): 1. Wilson de Oliveira Salles (Sabé) e 2. Márcio Pereira da Silva (Paçoca) **No meio (9):** 1. ?? - 2. ?? - 3. ?? - 4. ? - 5. Válter Galhardo - 6. ?? - 7. Cláudio Coelho de Lima - 8. ?? - 9. Reginaldo Szulik Bezerra **Atrás (6):** 1. José Cavalcanti Braga (Santo) - 2. Francisco Ferreira de Almeida - 3. Luiz Carlos de Oliveira (Cof) - 4. João Manoel F. Resende - 5. ?? - 6. João Bosco Barbosa
Foto gentilmente cedida pelo amigo
Djalma Augusto de Medeiros (66/69)

CASO EDIFICANTE

Um sermão diferente

José Lui* (49/56)

O vigário da paróquia, muito tradicional, não via com bons olhos a permanência dos fiéis, homens e mulheres, participando juntos dos atos religiosos. Na missa do Domingo, o padre, na hora da homilia, dirige-se aos fiéis e antes de começar o sermão diz:

- Meus irmãos! Hoje vamos fazer o seguinte: os homens vão ficar do lado direito da Igreja e as mulheres, do lado esquerdo.

Uma senhora, do Apostolado da Oração, que não faltava a nenhuma missa, se levantou e comentou:

- Padre, o Sr. não falou que somos todos feitos da mesma massa ?

- Está bem, respondeu o padre. Então fica assim: massa com ovos do lado direito e massa sem ovos, do lado esquerdo.

(*) José Lui é administrador de empresas em S.Paulo-SP - roselui@picture.com.br



Antigamente era a Semana Santa

-Jogralesca-

Luiz Carlos Peres (*)

Antigamente era a Semana Santa!
Após a austeridade da Quaresma,
quando nem casamento se fazia
e os dias iam, aos poucos, entristecendo,
após os desvarios do carnaval,
as Vias Sacras, sempre concorridas,
iam pré-vivenciando a Paixão.
Por fim, todas as imagens eram escondidas
com o véu arroxeadado da tristeza,
anunciando a solidão do Jardim das Oliveiras.
A Procissão dos Ramos era tensa,
só as crianças riam e se agitavam,
como há dois mil anos.

"Pueri Haebreorum portantes ramos olivarum..."

O cantochão descrevia tristemente a alegria daquela glória efêmera.

Os adultos, como os antigos profetas,
cantavam amargamente, porque sabiam o que estava por vir.
Iniciara-se o sócio-drama.

Cada fiel vivia o seu papel.

O Gregoriano era a "máquina do tempo"
que, a todos, àqueles dias transportava.

Os Ofícios de Trevas resumiam os pródromos da Salvação
e reproduziam o abalo cósmico da morte do Filho de Deus.
Na quarta-feira, a Procissão do Encontro.

Ninguém pensava no rigor cronológico.

O que valia era meditar sobre cada gama do aniquilamento
de Cristo.

O Homem Deus encontra sua adorável Mãe!

Quem já se não comoveu com essa cena?

Na quinta-feira estávamos todos presentes à Santa Ceia,
que não era uma simples "janta de Jesus com seus amigos".

Presenciávamos o poder do Filho de Deus,
influenciado pela saudade do Filho do Homem...
devendo partir, mas querendo ficar.

engendrando a Eucaristia como suprema graça para todas
as gerações.

Mandatum novum do vobis... O Gregoriano dava unção e
majestade

ao prosaico ato da lavagem dos pés.

A Sexta-Feira amanhecia triste.

Mesmo com céu azul e sol brilhante, era sempre triste.

A atmosfera era fumê.

O luto emanava da alma do povo participante.

Os sons eram abafados.

Silenciavam-se os sinos, o órgão e as campanas.

Só a matraca ecoava lúgubre.

Ecce Lignum Crucis...

O Gregoriano transportava a todos ao Calvário,
que o sermão das sete palavras tão bem já descrevera.
A figura alva do sacerdote prostrava-se diante do
crucificado

e com ela a alma de todos os fiéis.

Na igreja superlotada, só se ouvia o arrastar dos pés
dos que se aproximavam para oscular as sagradas chagas.

A procissão do Senhor Morto era um verdadeiro enterro,
impossível de se organizar em alas.

A multidão compacta parecia arfar, ao ar pesado das
catacumbas.

Ao plac-plac da matraca, todos os olhos se voltavam
para ver a face sofrida do Salvador, apresentada por
Verônica:

O vos omnes qui transitis per viam...

Aqui e ali, soluços.

Cristo morreu!

A escuridão paira sobre a Terra.

Acabrunhados, todos voltavam para casa.

Como os discípulos,

no Sábado voltávamos à igreja.

Sabíamos o que ia acontecer.

Melhor que os apóstolos,

Mas a tristeza ainda pairava em nossos corações.

O ambiente ainda nos induzia a isso.

Na igreja penumbrosa, o Kyrie era melancolicamente
cantado à capela.

De repente: GLORIA IN EXCELSIS DEO!!!

O Sacerdote, em seus mais ricos paramentos brancos,
entoava a plenos pulmões, num tom cheio de alegria.

Os sinos repicavam, as luzes se acendiam,

as imagens eram descobertas,

o altar refulgia de luzes e flores,

as campanas tilintavam sem cessar,

o órgão atroava

e o coro rompia numa polifonia festiva e vibrante,

sentindo, cada cantor, toda a alegria da RESSURREIÇÃO.

Cristo ressuscitou!

Isso era, para cada um de nós,

quase tão evidente e palpável como o fora para São Tomé.

Surrexit Dominus Alleluia!...

A Páscoa era um dia luminoso e alegre.

Mesmo se chovesse.

Sofrêramos, morrêramos e ressurgíramos com o Senhor!

Antigamente era SEMANA SANTA!

(*) Ex-aluno do Seminário de Pirapora do Bom Jesus, turma de 1943 a 1945, Luiz Carlos Peres é advogado, regente de coral, tenor, bancário aposentado e professor. Reside em Santos-SP - pirapora@iron.com.br

Agradecimentos

A Turma do Ibaté agradece as contribuições espontâneas recebidas dos seguintes colegas, no período de 07/02/2006 a 03/04/2006: Antônio José de Almeida, Araldo José Razera Papa, José Écio Pereira da Costa Júnior, Carlos Alberto Nogueira Ferreira, José Paulo Bruna, Alberto Pimenta Júnior, Benedicto Luiz de Oliveira Martins, Luiz Carlos de Oliveira (Cof-Cof), Luiz Gonzaga Rodrigues, Wilson Mosca, Adalberto Valeriano Barros e Antônio Carlos Correa.

Leituras (3)

Eduardo Lima - Baiano (*) (59/63)



O almoço já terminara há algum tempo. Os pratos e talheres foram recolhidos e nenhum som, fora a voz clara e límpida do leitor, se ouvia no refeitório lotado e expectante. As cabeças voltadas na direção da voz acompanhavam atentamente os últimos parágrafos da leitura de "Miguel Strogoff, o Correio do Czar", de Júlio Verne. Como o livro

estava prestes a acabar, o padre ministro aguardou até o retumbante desfecho, ovacionado com uma grande salva de palmas por todos que tínhamos, refeição a refeição, partilhado das peripécias do herói através das estepes russas.

Os leitores do refeitório foram muitos. Creio que se revezavam a cada semestre, mas a figura que me vem à mente quando me recordo desses dias é a do José de Oliveira Batista, o Batista, que ficou na minha memória como "o" leitor por excelência. Posteriormente, em Santo André, ambos viríamos a ter (possuir?) a mesma dona. Antes que alguma mente deturpada venha entender mal tal afirmação apresso-me em explicar: em Santo André estudávamos no colégio estadual Américo Brasiliense e como o seminário ficava distante, em Paranapiacaba, almoçávamos nas casas de algumas paroquianas. Eu e o Batista íamos à casa de uma senhora simpaticíssima, a dona Olga, que ele imediatamente alcunhou de "a nossa dona".

As leituras que ouvíamos no refeitório se dividiam entre vidas de santos, "Martirologio Romano", obras religiosas em geral e romances de aventuras. Um prêmio para quem adivinhar quais as de maior sucesso. Lembro-me de outro volume que alcançou êxito sensacional: "Prisioneiro dos Aymarás".

O "Martirologio Romano" era um manual de tortura. Os tormentos e sofrimentos suportados pelos mártires da Igreja servem como exemplo de fé e, para os que não a possuem, são vistos com a admiração que sempre nos causa a radicalidade última de entrega da própria vida por uma causa. No entanto, a contínua descrição dessas sevícias, da maneira tosca como era apresentada na obra em questão, levava a um resultado grotesco no seu todo. O que se fazia com aqueles mártires estava além da imaginação mais desenfreada de qualquer sádico. Eram desventrados, eviscerados, esfolados, cozidos em água, fritos em óleo, grelhados, assados (na brasa e na fogueira) e outras variações, culinárias ou não, que ocorriam aos seus torturadores. Uma coisa que me chamava a atenção, quando tive a oportunidade de pensar nisto, era a

total ausência, em todos os casos, de agressões de cunho sexual contra os santos mártires. Os soldados romanos não eram exatamente a fina flor da delicadeza, como aliás dão conta os próprios relatos das atrocidades cometidas, mas as virgens cristãs jamais foram tocadas por eles com segundas intenções. Creio que este foi o maior de todos os milagres, narrado nas entrelinhas do "Martirologio".

Certa vez o livro que se lia era um compêndio teológico. Uma leitura chatíssima que ninguém entendia ou acompanhava. A nossa mesa ficava ao lado do suporte do leitor, que deixava o volume marcado com um santinho na página onde havia parado anteriormente. Assim que tínhamos oportunidade, avançávamos com o marcador várias páginas de cada vez. A leitura continuava como se nada tivesse acontecido e, para alívio geral, foi aquele um dos livros que terminou mais rapidamente.

Embora tenha vibrado com os livros do Júlio Verne, eles não me influenciaram como os do Karl May e do Conan Doyle. Tínhamos vários volumes (mais de trinta) na biblioteca do Seminário e eu os li todos. Mas eram obras com uma preocupação didática às vezes irritante, com suas amplas descrições geográficas que dificultavam o ritmo da narrativa. No entanto, Júlio Verne contava com adeptos fervorosos. Eu admirava o José Osório Pires D'Elboux pela verdadeira paixão com que lia a obra de Verne. A cada novo volume ele se armava com um atlas e acompanhava nos mapas as viagens e deslocamentos dos heróis.

Alguns outros livros eram emprestados dos amigos. Corria o boato de que só se poderia ler "Quo Vadis", do Henryk Sienkiewicz, com a devida autorização do diretor espiritual. Bem, li sem autorização mesmo. Recordo-me que a leitura ia em meio, no estudão, em um dia de calor sufocante, as cigarras lá fora fazendo seu alarido, quando o padre Ruy entrou na sala e, como por predestinação, veio postar-se ao lado, acompanhando a leitura por cima do meu ombro. Não disse nada. Mas me sinto incomodado até hoje.

O primeiro e único livro mais atualizado que li em São Roque foi uma antologia de contos: "Maravilhas do conto hispanoamericano". Foi-me emprestado pelo Milton Games Robles. Ali estavam reunidos contistas de vários países da América Latina: Astúrias, Ruben Dario, Ciro Alegria, Horácio Quiroga e outros, que só vim a conhecer melhor e a admirar muitos anos depois. Este livro causou-me um sério problema ético. Fiquei vivamente impressionado com a crueza das narrativas e com o realismo das cenas e me obriguei a relatar o fato ao diretor espiritual, que me pediu o volume. Mesmo não sendo meu, não tive outra opção senão entregá-lo. O padre não só não voltou a falar comigo sobre o assunto como ficou com a obra, o que me deixou em falta com o meu companheiro. Por sorte minha o Milton Games recebeu a notícia ruim com a sua elegância característica.

(*) Eduardo dos Santos Lima, cujo apelido, "Baiano", é obra de D. Constantino Amstalden, embora nunca tenha tido o característico sotaque, é nascido em Pietã-BA. Com tristeza afirma naturalmente trazer muito pouca baianidade em si, pois admira demais a leveza de espírito, o humor, a descontração e a alegria daquele povo. Em sua família, por seu temperamento circunspeto de intelectual introvertido e observador, é chamado de "baiano nórdico". Mas para compensar e não se desligar de suas raízes, gosta de tudo muito apimentado e destila profunda paixão por Gal Costa e Maria Bethânia. É professor de Literatura Brasileira em São Paulo-SP - eduardolima@uol.com.br

Fluxo Financeiro - Posição até 03/04/2006

POSIÇÃO EM 06.02.2006	7.082,36
ENTRADAS	
Contribuições e doações	1.598,08
Juros.....	81,87
TOTAL ENTRADAS.....	1.679,95
SAÍDAS	
Postagem Informativo nº 83	896,50
Impressão Informativo nº 83	700,00
Kalunga nº 246383-envelopes.....	51,46
Despesas Bancárias.....	49,04
TOTAL SAÍDAS.....	1.697,00
SALDO ATUAL 03.04.2006.....	7.065,31
Tesoureiros: Carlos D. Cosso - Wilson Mosca - Gilberto Lucarts	



Mensagens Recebidas



ALFREDO BARBIERI (49/53 - Taubaté - SP) - Comentando: Espetacular o *Echus* nº 83. Quero destacar do Editorial a expressão "adolescentes definitivos". A foto do Comandante que "conduziu esta ínclita *Tropa do Ibaté* por cerca de 2 décadas". A alegria do casal Oksana e Rovirso, sempre acolhedores. O Asdrúbal, com sua deliciosa crônica relembrando fatos pitorescos. O Eduardo Lima, com sua aula sobre Kal May e o Winnetou, herói de nossa juventude. A foto do moleque José Lui e sua dose de humor. Abraços ao Cláudio Fondello, ao José Moreira de Souza com sua análise da vida literária que vivíamos, ao José Édson, novo pai, ao Altamiro. *ECHUS*, longa vida para você que nos traz saudade-alegria-esperança-confiança-amor-fraternidade-paz.

alfredo_barbieri@hotmail.com

ECHUS AGRADECE, em nome de todos, as amáveis considerações e informa que a expressão, "adolescentes definitivos", apresentada no último editorial entre aspas sem a citação de sua fonte, era utilizada como auto-definição do famoso quarteto dos escritores mineiros Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino e Otto Lara Resende.

ALFREDO BARBIERI (49/53 - Taubaté - SP) - Caríssimos Ibateanos, Hodie est dies quam Dominus fecit nobis. Exultemus! Vida e ressurreição Passagem... Travessia... Andança... Páscoa é pulo de eternidade, Prelúdio de felicidade... Júbilo, exaltação, celebração. Páscoa é vida de alegria! A noite se ilumina como o dia Porque o Senhor Jesus Ressuscitou. NEle renascemos e somos feitos para a Eternidade... Aleluia, a morte morreu... Aleluia, a vida viveu... Aleluia, os homens estão vivos da Vida invisível que DEUS nos deu...

Vida - Alegria - União - Fraternidade - Ibaté - Echus - Encontros... Somos felizes e sabemos. Feliz Páscoa! Abril/2006

CARLOS FERRAZ ALCÂNTARA - O Miséria - (51 - S. Paulo-SP) - Infelizmente, nos últimos tempos, passei por dois eventos que me levaram a 2 cirurgias. Tenho acompanhado através do jornal do Ibaté a evolução dos acontecimentos e essa prestigiosa reunião que ocorre mensalmente. Sempre estive nos meus projetos, não só colaborar com meus amigos como também de participar. Quando a reunião era feita lá na Chácara Souza, me lembro de estar, em uma 6a. feira, no final da tarde, lá pelos lados da Marginal Pinheiros, perto da Bandeirantes, debaixo de uma chuva danada e um trânsito horrível... e não deu para chegar em tempo... *maktub*. Não era para ser... Mas tenho mantido essa irresistível compulsão de participar da reunião. Recentemente, tive que passar por essa cirurgia... e... adivinha... pensei, desta vez eu vou ao jantar...na 6a feira...Porque uma das coisas que não me sai do pensamento foi a tua visita que me lembro como se fosse hoje e esta é uma atitude de respeito que não esqueço. Bem, desta vez também não será possível, pois ainda não me restabeleci completamente da cirurgia. Mesmo não comparecendo às reuniões, participo com vocês. Mas, da próxima... conte comigo...tchau. cfalcan@hotmail.com

CELSO A. GUIDUGLI (58/89 - S. Paulo-SP) - Meu Caro Padre Gomide, *first of all*, sua bênção. Juro que "num güentei" a revelação "pomoibateana" q vc fez no último número do *ECHUS*, ano 14, no. 83. Nem eu me lembrava disso. E vc ainda foi dedurar? O q o Padre lhe disse? Não me lembro de ter levado um sabão de qqr Padre. "In every case" (lindo isto, né?), já aprontei e sei de poucas e boas ou mais ou menos, que tenho vontade de relatar numa coluna de "divertissement" no jornalzinho. Mas a preguiça ou a falta de tempo ou a bendita procrastinação (mas q nome este, hein?) me faz deixar prá depois. E depois, há tantos q escrevem bem crônicas, poesias, loas e poliglossias (?) q me sinto bem pequeno p/ brincar ou expor idéias (ki modesto!). Isso q estou fazendo agora é pq me lembro bem de vc de nossa conversa, última, no encontro de 2001 (mamma mia, how long, meu!). Isso me animou a tentar contar uns causinhos, a título de recreação, não como piada. Mas o fato principal, meu caro Tomás, é a bendita e abençoada educação (excluída a intelectual), disciplina, hierarquia, sentido cego de obediência, rigor legalista e ritualístico, ojeriza - quase desprezo - à mulher e respectiva restrição às funções clericais etc; aos ex sacerdotes, à maior participação do leigo no ministério; à exclusão aos sacramentos de separados ou divorciados q se uniram; pecado mortal a falta à Missa aos domingos etc.etc. Ai eu pergunto: Que mandamento o nosso Cristo pregou? Será este? Desobedeceu nosso regulamento, dançou ??? Necas. EU quero, disse ELE, aquelas ovelhas desgarradas, que precisam de carinho, de afago, de perdão, de consolo. Essas almas pertencem tb ao meu reino.

Ano 14 - nº 84 - Mar/Abr 2006

Se não, quem foi q inventou a tal parábola do Filho Pródigo??? Esses evangelistas, só inventam, né??? Como disse, tempos atrás nosso sensível Cardeal D.Cláudio: "O q falta em nossa Igreja é darmos carinho, atenção aos nossos irmãos". Isso as outras Igrejas, na maioria, dão de sobra aos seus fiéis. Mas "c'est l'avie em rose" como diria Ilulla prá maresia! Ainda bem q nosso deus está acima de tudo destas questiúnculas. Leu a "Deus caritas est"? Alguma vez a Igreja tocou no amor como nosso Bento XVI? Eros, Philia e Ágape? Vc já ouviu falar disso no Seminário??? Ok, meu caro. Foi muito bom vc ter me tocado. Vamos nos "parlando tutto di tutti", perchè la vita é bella" como diz o Benigni. Um forte abraço no coração, suas orações e sua bênção per noi, com nosso carinho e orações. Quando virá ao BR? Na eleição? Votarás no lulinha?... Quando cá estiver, não deixe de me dar um alô. Assim vamos bebericar (eu hein?) falar mal dos outros, consertar o mundo e aconselhar o presidente, o daí e o daqui. Amanhã vou ao jantar dos Ibateanos (alguns, q, se reúnam às 1as. sextas de cada mês) e vou contar o imbróglgio da revistinha de sacanagem... Ah!Ah!Ah... celsiusg@uol.com.br

EDÉLCIO MUNHOZ - Esaú (68/69 S. Paulo-SP) - Tenho recebido regularmente os exemplares do *Echus do Ibaté* e sempre analiso os encontros dos colegas e seus familiares. Percebo que minha situação financeira coloca-me longe dos passeios. Acredito que sejam alegres e construtivos: a hora de revê-los está chegando. Um forte abraço a todos e estarei aguardando a reforma do site para visitá-los com regularidade. edelciomunhoz@hotmail.com

EDNA MÁRCIA PEREZ PIRES - S. Paulo-SP - viúva de nosso colega ibateano José Luiz Pires - Recebi ontem a edição nº83 do *Echus do Ibaté* endereçada ao José Luiz Pires (Pirão) 1961/64 - Apesar da dor da lembrança, enviei-lhes este para informar que o Zé Luiz foi para a Casa do Pai no dia 26 de novembro de 2005. Eu e meus filhos (Daniel e Ivan) sempre ouvíamos as histórias que contava do tempo do Seminário e dos encontros ao quais compareceu. Agradeço a amizade a ele dedicada. ednperez@yahoo.com.br

EDUARDO LIMA - Baiano (59/63 - S. Paulo-SP) - Mais que um amigo, Vicente Campanha pertencia à minha família. Ou melhor, eu pertencia à família dele, que me adotou sem reservas. Sempre contei com a amizade do seu pai, o senhor Waldemar, um homem cuja bondade transparecia no semblante afável, a todos contagiando. Das irmãs Tereza e Maria, dos cunhados Dito e Isauro, dos sobrinhos e sobrinhas, crianças à época. De todos, me lembro com saudades. A vida nos reuniu em São Roque, nos separou, voltou a nos unir novamente em Santo André, distanciou-nos outra vez e de novo nos aproxima através do *Echus*. Ecos do nosso passado atravessando o de outra forma intransponível tempo. Foi muito gratificante receber o seu recado. O amigo Antônio Carlos Correa, nosso editor, diz que a vida é imprevisível e que seria uma chatiche total se não o fosse. Eis aí um exemplo. Um grande e forte abraço para você e para a Bia. eeduardolima@uol.com.br

GETULINO DO ESPÍRITO SANTO MACIEL (57/60 Lorena-SP) - Caros amigos, após a leitura do *ECHUS* nº 83 - um primor pela forma e conteúdo - achei que deveria enviar minha modesta colaboração para, após a devida e criteriosa análise, ser passível de publicação. É um excerto de um livro meu que deve sair em abril ou maio vindouro e que se deve chamar "(Re) visitando memórias e filosofias". Não chega nem aos pés do brilhante Moreira (lembra-me Karl May), do sensível José Édson da Cruz e nem do saudoso Nílio com "Tempestades" (ele que está hoje na eterna bonança!) e nem tem as "confissões escabrosas" do Tomás Gomide. E para homenagear o grande Tibúrcio - perdão- Letterino:

MEU SABIÁ - Meu sabiá / Está me cantando /
E dizendo incessantemente / Que as estações pas-
sam... / Diz e canta ele: / Agora é Primavera. / Mas,
não me lembrava mais que era. / E, sábio, sabiá / Me
canta / Que eu me lembre / Que é Primavera / E que
depois dela / Seu canto cessará / Como a Primavera.

OLHOS - Aqui vou me arrastando / Num mar de olhos /
Que vêm numa direção só. / Que não vêm /
Porque vêm / Numa direção só. / O que quero / É retornar
ao fundo dos olhos / Porque lá / Não se vê numa direção só.

Que Deus esteja sempre no coração e nos rostos alegres de cada um. Abraços. louget@uol.com.br

JOSÉ HYPÓLITO CORRÊA - Napoleão (55/59 - S. Paulo-SP) - É sempre com muita alegria que recebemos o ECHUS DO IBATÉ em nossa casa, pois, já se tornou usual despertar o interesse de todos da família em ler os artigos. Parabéns a todos por esse sagrado trabalho e que Deus e nosso Mestre Jesus abençoe a todos nós.
angelohypolitocorrea@terra.com.br

JOSÉ WOLF - Alemão/Zeca (50/58 - S. Paulo-SP) - UNITAS, SED... Que me perdoem os "constantinófilos", mas a foto do "soldado" Constantino Amstalden, publicada pelo *Echus* 83, é, com certeza, reveladora do caráter de quem comandou a chamada "Tropa do Ibaté", com algumas dissidências, entre as quais a minha (que persiste)... A foto foi para mim uma revelação ao me lembrar de cara o filme "Aleluia, Gretchen", do cineasta catarinense Silvio Bach, sobre as influências do nazismo junto à juventude nos anos 40. Quem não viu o filme, veja e tire a sua conclusão! Aliás, nem o papa Bento XVI escapou da tentação. É claro que não se trata de nazismo no sentido político, mas de atitude existencial e visão de mundo: a opção por Apolo (a força, a disciplina, a certeza, o vigor) em detrimento a Dionísio (a fragilidade humana, a felicidade e a alegria de ser e estar). Na condição de jornalista profissional, quero elogiar a equipe do *Echus* (e ao Francisco Fierro) pela coragem de publicá-la, lançando mais luz sobre nossa rica e complexa história ibaetana, que está pedindo um livro.

NB - E mudando de assunto: oi, Wilson Mosca (e equipe) que beleza, o encontro da sexta (dia 3/3/06), no *Angélica Grill*, que me possibilitou estar ao lado de Dom José Maria Pinheiro (bispo de Bragança Paulista) e do Corazza, com seu cajado de eterno *condottiere*! Para todos, a benção do Senhor!
josewolf@ig.com.br

LOURENÇO MEDEIROS FERNANDES - Perereca (49 - S. Paulo-SP) - Não tendo podido comparecer a nosso encontro em Itatiba, o amigo Perereca enviou-nos seu recado: Vibrando em casa, para mais um dia de alegria com toda a *Família Ibaetana* no dia 25 de março! Longe da grande partida de futebol, mas com meu coração eufórico dentro do campo e agitando torcida e jogadores. Caros colegas, tenho certeza que estive presente. Imagino e acredito que às dez horas, nosso colega Mosca começou agitar os colegas para vestirem os uniformes e chegarem ao magnífico gramado. Escalados os dois adversários, desta vez o nome foi versátil: *Vechiaia X Filhos dos colegas*. Predominou o título "*Galo de Ouro X Javali de Porcelana*". Nosso precursor e amigo Careca chegou atrasado e não jogou, mas torceu e agitou todos com uma saborosa latinha de cerveja. O juiz da partida dá o apito inicial: bola rolando no gramado. Iniciou o primeiro tempo, quando aos 15 segundos, surge inesperadamente o primeiro gol, marcado por Toledo, com toda a categoria, técnica e habilidade. Foi um Deus nos acuda, só alegria entre todos e a torcida. Ele mesmo marcou mais três gols! Em seguida, surge também nosso estimado colega Zezo que, por sua vez, conseguiu colocar a bola no fundo da rede. O juiz Francimar, com toda sua autoridade, teve muito trabalho para conduzir a partida. Todavia, acredito que ela transcorreu e terminou com abraços e, posteriormente, com o delicioso churrasco e fartura das saladas preparadas com muito carinho pelas distintas colegas e companheiros do Ibaté. Quero neste momento salientar a dedicação e o bom gosto do churrasqueiro e das senhoras que preparam os vários petiscos. Na hora da degustação de todos vocês, eu estava em casa saboreando meu cálice de vinho com petiscos. Não podemos nos esquecer: somos a grande *Família Ibaetana* e isso jamais será desfeito! Aquele abraço do Lourenço - "Perereca".

LUIZ CARLOS OLIVEIRA - Cof-Cof (66/69 - S. Paulo-SP) - Pessoal do Jornal: a cada edição do *ECHUS* que recebo, fico mais impressionado com o alto nível e qualidade literária das matérias/artigos do jornal. Verdadeiros diamantes. Parabéns aos autores e aos responsáveis do Jornal por nos brindar com deliciosas leituras. Sinto-me honrado por ter estado na mesma casa. Anexo comprovante de minha colaboração ao jornal. Abraço a todos. luizcarlos1011@terra.com.br

LUIZ CARLOS PERES - ex-aluno do Seminário de Bom Jesus de Pirapora, turma de 1943 - (Santos-SP) - Recebi dois números do *Echus*: o 81 e o 83. Gostaria de recebê-lo ininterruptamente. Pretendo também colaborar, sempre que possível e, se Deus ajudar, comparecer ao próximo encontro dos ex-seminaristas. Cursei Pirapora nos anos 43/45. Fiz, depois, o 4º ano em Campinas e o 5º em São Vicente. Os colegas até me chamavam de *Visitador Apostólico*. Mas somente através dos seus escritos, pude sentir a continuidade daquele clima especial que se vivia em Pirapora. Costumo visitar um *site* de ex-jesuitas, mas não é a mesma coisa. Eles têm saudade da convivência, reconhecem a ilustração adquirida, mas demonstram um certo ran-cor contra os professores e uma revolta pela metodologia da época. Aliás, até quanto às posições da Igreja, eles fazem sérias ressalvas. Nos escritos dos *Ibaetanos*, nota-se a predominância do nobre sentimento da Gratidão, que foi a única retribuição por um milagre que Cristo cobrou no episódio dos dez leprosos. É assim que nós, piraporanos, nos sentimos com relação ao velho seminário, em meio ao Morro da Cruz, e principalmente aos queridíssimos cônegos Premonstratenses, dos quais apenas um sobrevive, o Côn. João Bosco de Camargo. Terminei agradecendo e dizendo que quero me aproximar o mais possível da turma, principalmente dos que também foram piraporanos. IN CORDE JESU
pirapora@iron.com.br

LUIZ GONZAGA RODRIGUES (67/68 Monte-Mor - SP) - Cosso, estou lhe enviando comprovante de contribuição para o *ECHUS DO IBATÉ*. Aproveito a oportunidade para agradecer em meu nome e de minha família por lembrarem-se de nós. Mande um grande abraço ao Simões e, se Deus quiser, em uma dessas 1ª sexta-feira do mês, estarei vendo possibilidade de participar do jantar junto com vocês. Minha passagem pelo Seminário foi de 1967 a 1968. Foi uma passagem simples e praticamente sou um desconhecido. Mas o importante é que estamos todos aí novamente. Fiquei triste com a notícia do falecimento do Pavãozinho. Ele tinha a minha idade e estudamos juntos. Mas Deus sabe o que faz.

MARISTELA GOMES (filha do ibaetano José Paulo Gomes - 53/57) - Gostaríamos de agradecer o convite para o jantar da primeira sexta-feira e a homenagem feita a meu pai, que muito emocionou a todos. Esperamos poder participar dos próximos encontros e estarmos cada vez mais próximos. Obrigada - Maristela e família
marisgomes@ig.com.br

MAXIMINO ANTÔNIO BOSCHI - Zé do Pito (Ex-aluno dos seminários de S. Carlos, Aparecida e Ipiranga) - Wilson, estou sempre para escrever para você, agradecendo os convites feitos todo o mês para participar do encontro dos ibaetanos. Acontece que tenho aulas às sextas à noite e assim, fico devendo. Recebendo o último número do *Echus*, me emocionei, primeiro com a foto de D. Constantino, meu Bispo em São Carlos e muito querido pelo clero de lá. Ele me mostrou, em nosso último encontro, em seu escritório, o fuzil que guardava desde os tempos da milícia. Me solidarizo com você e com seu mano (meu colega em Aparecida) pela perda de sua mãe querida. Ainda foi motivo de tristeza para mim a notícia da morte do Nílio Vieira, também colega em Aparecida e com quem nutri uma sincera amizade. Em verdade, minha ligação com os ibaetanos vem de longe, desde o Ipiranga em 1958 e depois em Aparecida em 59/60. Sempre os tive como espelho e exemplo, pelo espírito de fraternidade que percebi em todos, pela excelente formação intelectual e até pela alta performance esportiva: eram todos diferenciados. Somente depois que conheci o Seminário do Ibaté é que pude perceber de onde vinha essa diferença. Tirando algumas rugas no futebol, sempre me dei bem com todos e me sinto lisonjeado em poder fazer parte desse grupo, cujo espírito fraternal jamais se extingue. Sinto não poder participar mais direta e freqüentemente desse ágape mensal. Peço porém a você que transmita a todos meu abraço de amigo e irmão. Abraço grande a você. Max, ou, para os íntimos Zé do Pito. mboschi@pop.com.br

Comunidade do Ibaté: Vivência da Ressurreição

Sigmar Malvezzi (57/59)



Alegria, fraternidade e interesse mútuo são a marca do ex-alunos do Ibaté em seus encontros, nas primeiras sextas-feiras. **"Vede como eles se amam"**. Lá, em todas as reuniões, se respira o fragor e a esperança da Páscoa e a fé na vida construída sobre a ressurreição. **"Eu estarei no meio deles"**. O traço comum a todos é seu passado, que longe de ser parasita, repetitivo, ou saudosista é profético. O olhar retrospectivo sobre si mesmos mantém seus olhos abertos para ver o mundo com os olhos de Deus. Em plena era de competição globalizada, na qual a gramática do contexto social, tecnológico e econômico constrói o homem modular (aquele que é manuseado e usado em suas partes, como se fosse um brinquedo Lego), um grupo de companheiros se reúne, motivados pela riqueza de sua tradição. Eles assumem e valorizam seu passado, re-formatando-o pelo reconhecimento de sua potencialidade como fonte borbulhante e vigorosa de sentido para suas vidas atuais. É a força da Ressurreição que se reproduz no mundo. **"Eu vim para que todos tenham vida"**. Seu alvo é crescer na confiança mútua, na fé e na esperança da Páscoa. O encontro das primeiras sextas-feiras é uma renovação Pascal.

A vida na fé pascal desafia o "status quo" criado pela cultura da passividade que habitua as pessoas a esperarem o próximo estímulo para se mexerem. **"Por que estais aí sentados? Por que ninguém nos contratou"**. Nessa condição, os indivíduos pensam que decidem aquilo que lhes tem sido imposto. Confundem satisfação com realização e felicidade. Diferentemente, a fé na Ressurreição é uma transformação

profunda e definitiva que enche o indivíduo de força interior. **"Me levantarei e voltarei à casa de meu pai"**. Essa fé recria o Eu de modo que este não se contente nem se limite a ser um ator que desempenha um papel, mas o movimenta para participar na redação da biografia da sociedade.

Assim como a Ressurreição é a confirmação do compromisso de Jesus com a salvação da humanidade (válida a Paixão), os encontros desse grupo reafirmam o compromisso de companheiros à causa de Jesus, ao renovarem publicamente seu mútuo afeto e ao expressarem a força da fé, aprendida no passado, e que ainda realimenta a Páscoa em todos eles. **"Senhor, para onde iremos, se somente vós tendes palavras de vida eterna?"**. Esses encontros revelam a intensa necessidade de esses companheiros serem irmãos, de se amarem e de construir, de modo compartilhado, a vida de todos. **"Que todos sejam um"**. Os principais frutos desses encontros são a re-confirmação da identidade de juventude (manifestada na permanente e irradiante alegria dos encontros e na vontade de retornar), a renovação da esperança em Jesus Cristo ressuscitado (manifestada na partilha de planos, experiências e propósitos), e o fortalecimento do empenho (sacerdotal) na causa da Ressurreição (manifestado na mútua mediação e na comunhão). Repetindo um ritual que transcende as diferenças culturais (sentar e compartilhar a comida, como manifestação da vida e do amor de Deus), escolhido por Jesus para a entrega de si mesmo, na última ceia, o encontro das primeiras sextas-feiras dos companheiros do Ibaté renova a fé e a esperança na ressurreição.

(*) Voltado para o estudo do vínculo do indivíduo com o trabalho, seus determinantes e conseqüências, o colega ibateano é psicólogo, professor universitário em S.Paulo-SP, consultor organizacional e conferencista internacional. smalvezzi@fgvsp.br

Jantar da 1ª Sexta Feira

Voltamos a convidar nossos amigos a participarem do tradicional jantar da 1ª sexta-feira do mês, atualmente realizado no *Restaurante Angélica Grill*, Av. Angélica, 430 São Paulo-SP a partir das 19:30. Para quem vai de metrô, fica a 200 metros da Estação Marechal Deodoro e para os que vão de automóvel, a casa oferece estacionamento gratuito. Nos dois últimos encontros, de 07 de abril e de 03 de março, tivemos o grato prazer da neófitia presença dos colegas *José Paulo Gomes* e vários membros de sua família, *Dr. Bernardo Mendes Pires*, o médico veterinário que trata de todos nossos "pets", *Antônio Carlos Carneiro Zaparoll* (57), do empresário *José Eduardo Machado Quadrado* (51/56), do jornalista *José Wolf* (50) e do economista *Celso A. Guidugli* (58), este, certamente desperto pela última correspondência do Pe. Tomaz Gomide, da *Big Apple*. Além dos amigos de constante freqüência, outras nobres personagens também lá fincaram pé, como o Deputado *Walter Barelli*, o orientador *Waldir S. Gomes*, que veio lá das Minas Gerais, o Professor *Sigmar Malvezzi*, o matemático e barítono *Antônio José de Almeida* e o não menos célebre *D. José Maria Pinheiro*, Bispo da Diocese de Bragança. Mas a noite só atingiu mesmo seu maior grau de alegria e confraternização devido à expressiva presença femini-



na: esposas e companheiras, todas amigas entre si e que efetivamente fazem parte da Turma do Ibaté, em verdadeira assembléia. A feminil equipe clama urgentemente a presença de mais parceiras; que estas estimulem e exijam de seus esposos e companheiros seus direitos de também participarem de nossos tradicionais encontros, momentos de descontração e amizade. É que muitos colegas, infelizmente, não podem comparecer em razão de compromissos assumidos anteriormente, mas sabemos que tantos outros ainda não conseguiram quebrar as barreiras da timidez: sejam bem vindos e apareçam! É só aparecer, pois a vida é bastante curta e vocês ainda não sabem a alegria e contentamento que irão sentir.



Os grandes poetas do colégio

Lettério Santoro (*) (55/59)

Foi durante a leitura da edição n.º 82 do sempre esperado *ECHUS DO IBATÉ*, especialmente do artigo do companheiro Joel Barbieri sobre poetas, que me veio brotando de dentro a inspiração de escrever esta crônica. Porque, nos idos da adolescência no seminário de São Roque, eu considerava o Joel e o Waldemar Waldyr de Faria, ao lado de outros coetâneos ou predecessores, grandes poetas. O que foi confirmado no correr do tempo, depois da saída deles, pois tanto o Waldemar quanto o Joel publicaram em livros seus poemas. O Joel, inclusive, é hoje membro da Academia Taubateana de Letras.

Desde os tempos de colégio, tive a clara consciência de ser um poeta menor, em comparação aos que eu, além dos citados, considerava poetas maiores: o Décio Pereira, o Arnaldo (*), o Nazareth dos Reis, o Giustino Bottari, além do insuperável Kiro(**). Tanto é verdade que, em 19.03.1959, dia do excelso Padroeiro São José, como ficou registrado na última página de minha primeira obra, intitulada "**VOZES MARIANAS**", encerrei a carreira poética. Que havia iniciado nas férias de julho de 1956, aos dezesseis anos, portanto, nos deliciosos silêncios de Entre Folhas de Caratinga, nas Minas Gerais. Nome do primeiro poema: "*Férias*".

E a despedida da Poesia foi solene, com a elaboração de um poema: "*Último adeus à Virgem da Poesia*". Depois de tecer louvores à doce Virgem Maria, que eu chamava de Virgem da Poesia, no meio do poema eu lhe confessava:

"Ajuda-me, nesta hora derradeira, / em que desvencilhar-me quero logo / das musas, a tirar de minha mente / os plectos, as poesias, enfim tudo / que possa separar-me de ti, Virgem. / Pois sinto que não fui a tal chamado: / de ser vate, fazer gentis poesias, / embora muito e muito eu te bem-queira / e engrandecer quisera desse modo. / Humilde pois te peço encarecido / me tires destes ares merencórios / nos quais me deixa o poeta". E concluo:

"Adeus, ó casta Virgem, doce musa / dos bardos e dos vates verdadeiros. / Adeus pra sempre, ó Virgem da Poesia!"

Por tais versos se nota com clareza que eu não me considerava um "poeta verdadeiro". Verdadeiros eram os outros. E é bom se diga que esse sentimento de inferioridade poética me acompanha até a velhice. Compus até um poema com o título de "**POETA MUNICIPAL**", para me distinguir enfim dos poetas nacionais e universais.

Até certo ponto foi boa essa interrupção da criação poética, pois me permitiu organizar os **ARPEJOS DA AURORA**, coletânea de poemas escritos pelos melhores poetas do seminário do Imaculado Coração de Maria do Ibaté e de Aparecida. Percebe-se nos versos dessa obra uma qualidade mais alta de inspiração, principalmente nas metáforas de que se servem os autores. Tenho para mim que esses poetas liam talvez mais poesia do que eu nos tempos livres de domingo no colégio. Eu não ia muito além da excelente Antologia que cada um de nós recebera como livro didático, e que conservo ainda hoje. O Joel lembra, em seu artigo, um **Álbum de Recordação**, onde os colegas, na despedida, pediam para os amigos alguma coisa escrita. E obtive assim do Waldemar um texto de próprio punho, terminado por um soneto. Poema de minha autoria é que não haveria de ter naquele Álbum, pois eu escrevia apenas para mim mesmo. Tinha receio de mostrar meus versos.

No entanto, em 1964, passados já cinco anos da despedida da Poesia, de volta ao mundo, a Virgem da Poesia me aparece novamente, nas escadinhas brancas do Cursinho, na pessoa da primeira namorada. Ela me emocionou de tal modo que lhe ofereci um soneto como declaração de amor, tamanha a timidez para lhe confessar que lhe queria bem. Além disso, comecei a ler mais poesia, principalmente Luiz de Camões. Outras namoradas me inspiravam e, pouco a pouco, principalmente depois da primeira paixão, as águas da poesia transbordaram em meu peito. E não parei mais.

Em 2005, finalmente, publiquei meus três primeiros livros de poemas. Em julho de 2006, permitindo Deus, publiquei também os **POEMAS DO JUBILEU**, que estou organizando em comemoração ao cinquentenário de meu primeiro poema, *Férias*, de 1956. Participo também da APEG - Associação de Poetas e Escritores de Garça, através da qual pretendemos criar a AGL - Academia Garcense de Letras. Continuo assim, mais do que nunca, um poeta menor, ou, concedamos, um poeta municipal, mas continuo poeta, isto é, um ser humano que sente e provoca emoções através da arte literária. A poesia é minha vocação, minha maneira de amar meu povo, de cantar suas glórias e as belezas naturais desta terra de Garça que me acolheu.

(*) Arnaldo de Oliveira Figueiredo (58/59)

(**) Antônio Jurandy Amadi

Lettério Santoro é Prof. universitário e pedagogo em Garça-SP - letterios@hotmail.com

Paróquia das Trovas

**Quanta grandeza persiste
Na minudência da trova,
Cujá ventura consiste
Em parecer sempre nova.**

Trova, composição de quatro versos de sete sílabas poéticas, com rimas do primeiro com o terceiro e do segundo com o quarto, produzindo um sentido completo.

Com a apresentação deste trabalho do célebre trovador e imortal **JOEL HIRENALDO BARBIERI** (51/58), publicado

em *O Experimental* - Boletim da Academia Taubateana de Letras - Out/Dez de 2004, inauguramos o presente espaço no *Echus*, reservado exclusivamente às trovas.



Trovadores do Ibaté, vocês são tantos! Manifestem-se enviando-nos seus trabalhos, inéditos ou não, pois serão publicados nesta *Paróquia*. Os temas são livres. Sem sombra de dúvidas que aqueles que não são trovadores rapidamente se tornarão amantes ou mesmo praticantes dessa tradicional arte.

(RE) Visitando memórias e filosofias

Getulino do Espírito Santo Maciel (57/60)

ATA TERCEIRA - O SEMINÁRIO - Depois de quatorze anos de travessias, passagens, atalhos, mudanças, perdas, escalas/escolas, rios verdes enchendo e esvaziando lagoas, plantios e colheitas, arapucas e canoas de folhas de coqueiro deslizando no capim-gordura seco pronto para queimar, sacristias e sacristãos, festas de São Sebastião umas atrás das outras. Natais que custavam a chegar e se iam tão rapidamente, bolas de meia que a mãe costurava com tanto carinho, chuvas molhando estradas, carros de boi virando em cima de lagoas, feijão apodrecendo nas enchenques, trens que passavam e não voltavam nunca os mesmos, apitando fino nas curvas, ângelus das seis horas da tarde se acabando.

Depois de tudo, um dia, chega um homem de batina preta, perfumado, ainda moço. O vigário anunciou na missa das oito que era o padre de Aparecida do Norte que queria levar crianças para o Seminário. E, assim, reuniram-se pais e filhos na igreja de São Sebastião - este presidindo tudo de sua árvore-cruz, amarrado, mas lançando um olhar de calma sobre todos - no dia dez de agosto de um mil novecentos e cinqüenta e quatro para o seguinte: apresentação da vida do Seminário e da figura do sacerdote para reflexão. E para ajudar na decisão sobre quem vai para lá passar longos anos. Primeiro, falou o vigário. Palavras de sempre que falava no sermão do Dia do Padre: a Igreja precisa de novos e santos sacerdotes. Não tanto quanto ele - confessa em sua proverbial humildade - que fazia de tudo para servir a Cristo e sua Igreja e que nem sempre conseguia fazer direito (os adultos deviam saber porque; as crianças, não!) por causa das fraquezas da carne. Deu uma visão geral da figura do padre inspirada no Santo Cura D'Arce. Para tanto era necessário um longo tempo de estudos, de meditação, de distância das coisas mundanas, incluindo-se aqui dinheiro, prazeres da mesa e outros de que não se podia falar... E ninguém melhor para se moldar desde já do que as crianças naquela faixa etária das ali presentes. E pintou o cenário grandioso do sacerdócio "secundum ordinem Melchisedec".

Em seguida, falou o de Aparecida do Norte, em nome da Arquidiocese de São Paulo. Todos, de olhos arregalados, não perdiam uma palavra, apesar de não entendê-las todas. Descreveu a vida de Seminário. Lá ele era Diretor Espiritual: o que ouvia e orientava. Horário para tudo. Estudo puxado, oração e meditação e um futuro de serviço dedicado exclusivamente a Deus e aos homens. Principalmente a Deus. Falou, falou. Como diríamos um dia: "dixit et locutus est" - falou e disse.

E as crianças já se sentiam inteiras no Seminário. Agora, o pai pergunta pelo enxoval e pelo dia da partida. Tudo é esclarecido. O pagamento dos estudos e da estada eram por conta da Igreja. Caso a família possa, contribuirá mensalmente com a quantia que julgar compatível com suas posses. Até mesmo, como se fazia, o fornecimento de alho, cebola, abóboras, feijão que eram os nossos maiores bens, colhidos na Várzea, todos os anos.

Faz-se uma lista dos interessados. Não são muitos. De outros lugares vêm mais crianças. O dia da partida é vinte e

quatro de agosto. De trem. Três vagões serão alugados. O horário é sete da manhã.

Começo a falar comigo mesmo enquanto os pais se reúnem com os padres para acertar mais detalhes: ir para o Seminário, ser padre! É o que meus pais mais querem. Os outros dois irmãos já estudavam por lá. Três padres na família! Que realização e alegria para todos! É gostoso andar naquele trem. Deve ser o "misto", de manhã. De bancos de madeira, caldeira com foguista jogando lenha e lenha queimando e o vapor saindo às baforadas pela chaminé preta, suja. E jogando fagulhas pelo chão incendiando o capim seco da beirada do leito e colocando fogo lento nos dormentes sonolentos... O apito a cada curva, em cada estação onde pára. O trem me leva para longe de tudo: do pai, da mãe, dos amigos que ficaram plantando roças e filhos, da nossa roça que agora fica sem ninguém para ajudar, do Rio Verde de águas finas de lambaris na enchente... Não haveria mais as macarronadas gostosas que a mãe fazia todo dia treze de maio e oferecia a uma família de negros, Dona Benedita e filhos, nossos vizinhos. Com que alegria repartíamos a comida com eles.

E o corpo do menino cresce. A cabeça se enche de muito estudo. Muda de cá para lá. Termina todas as séries com brilhantismo. Do Ginásio até a Filosofia. Vem em férias para colecionar santinhos, selos e evitar olhar mulheres. Literatura, francês, inglês, latim, grego, física, química, trigonometria, astronomia, matemática, ontologia, lógica, crítica, histórias e mais histórias de todas as gentes e das filosofias todas... "mataiótes mataitétos ta panta mataiótes", como dizia o sábio Salomão. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.

Devora livros. Afinal, o padre deve ser culto e sábio. Falar bem, escrever melhor ainda, com lisura, castiçamente. Teatros, concursos literários, prêmios que se perderam no tempo. Muito futebol. É preciso tomar todo o tempo do menino que cresce no corpo e na mente. Não podem sobrar espaços vazios.

Desfilam padres, monsenhores e bispos. A liturgia continua pesada. Com ar de mistério e muito incenso em tardes quentes, abafadas. O cheiro forte parece que vira calor. Semanas Santas em cantochão.

E o ser padre se esvai como fumaça de turíbulos se apagando.

O trem volta. Literalmente de ré para encontrar tudo crescido, mudado, mais velho. O mundo gira. É outra vida a se iniciar.

O trem parte às sete da manhã com mais de cem meninos. Todos para o Seminário, conforme decidira o padre e os pais. E nada mais. Nada além de um trem lotado que, um dia, voltou de marcha-à-ré.

N.E. - Excerto de "(Re) visitando memórias e filosofias", de sua autoria, obra inédita, com previsão de edição ainda para o primeiro semestre de 2006. Getulino, que é professor universitário, escritor e advogado em Lorena-SP ... e roceiro em Cunha-SP, atende aos pedidos de seu livro para os amigos do Ibaté. Embora trabalhe com três editoras, mesmo assim sempre é obrigado a tirar dinheiro do colchão para custear os prejuízos. Sabiamente ele se expressa: "quamdum investimus in nobis, ferrati sumus ... quamdum non, idem ..." - louget@uol.com.br



A banana

Dom Luiz de La Mancha (*)

Local: Pátio do Seminário do Ibaté
Saímos para o recreio, eu e o Veloso(**), cada um com uma banana na mão. Nós éramos muito amigos. Sentamos em um banco, um ao lado do outro, conversando amenidades e comendo banana. O Veloso, que falava menos, terminou antes. Eis que, inusitadamente, ele esfregou no meu rosto a casca da banana, aberta na palma da mão, segurando a minha cabeça com a outra mão.

Aquela atitude despertou em mim uma ira muito grande, mas tão inusitada era, que não havia reação prevista em minha programação neuro-psico-motora (os hífen são propositais). Cal-ma-men-te, (amigo é para estas coisas), ajeitei na mão a meia-banana que ainda me restava e num gesto rápido como o bote de um predador, agarrei a cabeça dele segurando bem firme com uma das mãos e com a outra esfreguei com bastante força, quase o obrigando a comer a banana com casca e tudo, enquanto ele se debatia.

A seqüência natural das coisas aconteceu. Os freios da educação e da religião não nos bastaram. A briga começou, mas, antes de descrever a cena, vamos dar os atributos dos contendores:

No córner número 1, o Veloso, pesando x quilos, com 11 anos de idade com sua pele marrom indicativa de mistura de raças e no córner 2, Dom Luiz de La Mancha, (na ocasião conhecido como Pipoquinha), pesando também x quilos, 11 anos de idade, descendente de italianos. Este parágrafo foi só uma brincadeira, vou voltar ao que realmente aconteceu.

O Veloso era um bom esportista e sempre gostei da ginástica, da educação física, com mais um ingrediente muito importante para a contenda: ambos éramos bons no *speedball* (aquela bola de dar socos). O que eu quero dizer é que era uma briga bonita. Nada de agarração (que me desculpem os judocas).

Enquanto brigávamos, eu sorria e ele, muito assustado, estava levando a pior.

Nem preciso dizer que muitos colegas estavam em volta assistindo e que aquela celeuma trouxe logo um expectador muito especial: o Padre Bosco. Ao chegar pelo lado das costas do Veloso e de frente para mim, viu-me brigar com um sorriso estampado no rosto. Sem saber quem era o culpado, passou pelo Veloso e segurou-me com força.

Ficamos de castigo, sem recreio, nem me lembro quanto tempo. Passados um dia ou dois, ao fazermos dupla no *speedball*, mérito do esporte, conversamos, ele admitiu que errou; eu que exagerei na reação e ficamos novamente amigos.

Cabem agora algumas conjecturas sobre o entendimento de cada um naquela época: Porque eu sorria durante a briga? Porque o Veloso, assustado, levava a pior? Porque o Padre Bosco veio direto contra mim? Nosso conceito do bem e do mal tinha fronteiras muito bem definidas. O nosso senso de justiça não admitia controvérsias.

Eu sorria porque, segundo o meu senso de justiça, o JUSTO neste episódio era eu, portanto Deus estava do meu lado e, em sendo assim, eu só poderia sair vencedor. O sorriso só antecipava os louros da vitória.

Pela mesma razão, o Veloso, consciente de ter desrespeitado o amigo, tinha que arcar com as conseqüências e perdia, porque queria perder.

Não sei se Deus (perdoa-me Senhor a citação) estava de acordo com a nossa opinião.

Agora o Padre Bosco... Provavelmente, ao ver o meu sorriso, imaginou ser o próprio satanás (com letra minúscula) interferindo em seu aprisco. Entretanto, para atenuar o desespero do Padre Bosco com a "interferência maligna" em seu aprisco, ele deve ter se lembrado que eu era mesmo briguento.

PS: Se vocês gostaram, outro dia eu conto outra. O pseudônimo é por conta do estilo literário adotado, mas eu garanto que foi tudo verdade.

(*) Pseudônimo do colega ibateano LUIZ ANTÔNIO ROSATI (59), que é vendedor técnico em S.Paulo-SP - rosatiluz@hotmail.com
(**) Ernesto Veloso dos Santos (59)

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação bimestral dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Minor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Bartolomeu Colacique, Sigmar Malvezzi, Acácio Fecchio, Luiz Carlos Peres, Eduardo Lima, Getulino do Espírito Santo Maciel, Lettério Santoro, Luiz Antônio Rosati, Joel Hirenaldo Barbieri e José Lui.

Contribuições - O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio de duas contas bancárias: 1) **BRADESCO** - Ag. 95-7 (Nova Central) - c/c no. 226990-2 e 2) **BANCO DO BRASIL** - Ag. 3055-4 (Boulevard S. João) c/c 12.158-4. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um *email* ou uma correspondência para que possamos identificá-lo.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Antônio Carlos Correa, Paulo Toschi, José Justo da Silva, Antônio Simões e Márcio Paçoca.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para **ECHUS DO IBATÉ**, Cx. Postal 71.509 - Cep 05020-970 - S.Paulo-SP (Obs. Se possível, enviar material de colaboração em disquete ou por e-mail, com textos em Word e fotos ou no original, que logo serão devolvidas pelo correio, ou digitalizadas no formato jpg).

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados representam o ponto de vista de seu autor e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

EMAIL: echus@zipmail.com.br ou

ibate@seminariodesaoroque.com

SITE: <http://www.seminariodesaoroque.com>

Tiragem: 1.000 exemplares

Diagramação: Marcelo Silva Calixto (11) 6162.3640

Impressão: Gráfica e Editora J.Chevalier (11) 3228.9988

NA CASA DO PAI

Informamos com pesar o falecimento de nossos colegas ibateanos e da irmã de um dos nossos:

• **JOSÉ LUIZ PIRES - PIRÃO (61/64)** - Em S.Paulo-SP no dia 26.11.2005

• **ANTÔNIO EVANGELISTA BUENO (51/52)** - Em S.Paulo-SP no dia 19.03.2006.

• **MEIRE PEREIRA DOS SANTOS PATTO** - Em São Roque-SP no dia 09.04.2006. Irmã de nosso colega ibateano Márcio Pereira da Silva - Paçoca (67/71).

Aos familiares e amigos, nossas condolências.